

# O Brasil no cenário da **pesquisa contemporânea internacional** em hospitalidade: da oportunidade de rompimento de fronteiras e da criação de uma **rede colaborativa** de estudos e pesquisas

ANA PAULA GARCIA SPOLON \* [anapaulaspolon@id.uff.br]

LEANDRO BENEDINI BRUSADIN \*\* [leandro@turismo.ufop.br ]

**Resumo** | Este artigo tem como objetivo mostrar como as pesquisas em hospitalidade realizadas nos últimos 25 anos, no Brasil, têm amadurecido a ponto de poderem figurar em posição relevante dentre os estudos desenvolvidos em outras partes do mundo, anteriormente realizados majoritariamente por pesquisadores americanos, britânicos e franceses sob a influência de diferentes correntes do pensamento humano e social aplicado. A condição de relativa liberdade linguística – por conta do acesso, em alguma medida, a publicações em outros idiomas, entre os quais o inglês e francês - e epistemológica - que permite escapar da chamada tirania da dominância epistêmica - da comunidade brasileira de pesquisadores em hospitalidade, tem permitido aos pesquisadores brasileiros aprofundar-se no tema e sinalizado a possibilidade de ascender o país a uma posição relevante no cenário internacional da pesquisa em hospitalidade. Chegou-se a esta conclusão a partir de pesquisa direta sobre as produções mais importantes relacionadas ao tema em língua inglesa, francesa e portuguesa, no período entre 1990 e 2014. Ainda que o distanciamento teórico-metodológico entre estes trabalhos seja recorrente, há conexões entre as publicações de referência. Os resultados mostram que há, mundialmente, uma rede de estudos e pesquisas cujos padrões de organização começam, aos poucos, a favorecer a transferência efetiva de conhecimento entre pesquisadores, embora estas relações ainda sejam incipientes. Neste sentido, nossos indicadores identificam que um grupo de pesquisadores brasileiros tem estabelecido pontos de conexão entre diferentes domínios geográficos, linguísticos e epistemológicos, o que pode favorecer a efetiva construção de uma rede internacional de pesquisa em hospitalidade. Para análise dos dados, utilizou-se o *software* de Análise de Redes Sociais (ARS) *Yed* (YWorks) e os dados foram sistematizados a partir

\* **Professora Adjunta** no Departamento de Turismo, Faculdade de Turismo e Hotelaria da Universidade Federal Fluminense (UFF).

\*\* **Professor Adjunto** no Departamento de Turismo, Escola de Direito, Turismo e Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

da aplicação da metodologia de análise de citações.

**Palavra-chave** | Hospitalidade, epistemologia da hospitalidade, internacionalização, redes de conhecimento científico

**Abstract** | This article aims at showing how researches in hospitality carried out over the last 25 years in Brazil have matured to the point of being able to feature in relevant positions among studies developed in other parts of the world, previously produced mostly made by American, British and French researchers under the influence of different currents of applied human and social thought. The state of relative linguistic – on behalf of the access, to some extent, to publications in other languages, among them English and French – and epistemological freedom – which allows one to escape from the so called tyranny of epistemic dominance – from the Brazilian community of researchers in hospitality, has allowed Brazilian researchers to go more deeply into the issue as well as signalized the possibility of taking the country higher up to a relevant position in the international scenario of research in hospitality. This conclusion has been reached from the direct research on the most important productions related to the theme in English, French and Portuguese, during the period between 1990 and 2014. Although the theoretical-methodological gap between these two productions is recurrent, there are connections between their publications of reference. The results have shown that there is a worldwide network of studies and researches whose organization standards have started, little by little, to favour the effective transfer of knowledge between researchers, despite the fact these relations are still incipient. In this sense, our indicators identify that a group of Brazilian researchers has established points of connection between different geographic, linguistic and epistemological domains, which may contribute to the effective building of an international network of research in hospitality. The Social Network Analysis (SNA) software *YEd* (*YWorks*) was used to analyse data, which were systematized from the application of quotation analysis methodology.

**Keywords** | Hospitality, epistemology of hospitality, internationalization, scientific knowledge networks

### **1. Ciência e hospitalidade: o desafio do rompimento das fronteiras epistemológicas e da inserção efetiva do tema nas ciências humanas e sociais aplicadas**

Antes de situar os resultados da praxis acadêmica relacionada à produção de conhecimento científico em hospitalidade, no Brasil e no Mundo, é imprescindível debater teoricamente a ciência enquanto campo de conhecimento dela própria. Desse modo, a epistemologia, ou o estudo geral sobre a natureza e os limites do conhecimento hu-

mano, bem como sobre os postulados teóricos e métodos das diferentes áreas do saber, permite estabelecer bases de atuação para diversas pesquisas, por conta do natural questionamento sobre conceitos, teorias e discursos orientados pelo pensamento humano.

Para Panosso Netto (2005, p. 138), os estudos epistemológicos em turismo carecem de “pesquisas que analisem o turismo não apenas como um fato gerador de renda, mas também como um fenômeno que envolve inúmeras facetas do existir humano”. A crítica do autor destaca ainda que

os estudos turísticos de cunho filosófico têm sido ainda muito restritos, sendo que os responsáveis por isso são os próprios pesquisadores da área, que não refletem sobre o significado do “antes, do durante nem do depois das viagens”. Além disso, estudiosos humanistas teriam negligenciado, historicamente, tal campo de estudo (talvez ainda o façam, em grande medida), por considerarem-no de menor importância.

Na mesma linha deste debate, têm havido discussões, no meio acadêmico, sobre a construção de uma epistemologia da hospitalidade, ou de epistemologias da hospitalidade. Nos anos mais recentes, a possibilidade de uma epistemologia da hospitalidade transformar-se em um dos assuntos a serem debatidos nos cursos de Turismo, Hotelaria e Hospitalidade, nos mais diversos níveis acadêmicos, tornou-se uma realidade.

Exatamente esta realidade tem orientado estudos mais amplos, cujo foco está concentrado não somente na oferta de acomodação e refeições a pessoas em deslocamento (turistas inclusive), mas em questões fundamentais e transversais, como o cuidado com o outro em geral, a prática da alteridade e as diversas relações sociais estabelecidas entre visitantes e visitados, anfitriões e hóspedes, ao longo da história.

O entendimento do pensamento humano voltado para a hospitalidade, em consonância com o estudo social das práticas da hospitalidade, inclusive em âmbito comercial, tem ajudado, portanto, a preencher uma lacuna deixada pela tradicional abordagem do tema pelo viés economicista, que privilegiou estudos dedicados ao negócio da hospitalidade, a que comumente chamamos hotelaria – uma leitura relevante, porém disciplinar e limitada.

Em sentido conceitual, a epistemologia, ou a teoria do conhecimento, encontra fundamento em duas indagações principais: o que é conhecimento e o que é possível conhecer. Essas perguntas suscitam investigações em diferentes níveis. Se pensarmos que podemos conhecer algo, surge, então,

uma terceira questão essencial: como conhecemos o que conhecemos? Na visão de Descartes, a epistemologia é concebida como “filosofia primeira”, expressão que insere a teoria do conhecimento como anterior ao conhecimento empírico. O objetivo da epistemologia seria, portanto, caracterizar, entre as coisas, a evidência adequada e a forma pela qual esta evidência fundamenta as crenças verdadeiras, qualificando-as como conhecimento (Greco, 1999).

Neste sentido, será sempre necessário que o pesquisador crie, constantemente, dificuldades para si mesmo (Bachelard, 1983), podendo, a partir da superação dessas dificuldades, encontrar novas soluções para problemas antigos. O método científico é aquele que procura o perigo e a aventura. A dúvida está sempre à frente e não atrás. A filosofia científica deve, por conseguinte, basear-se em uma pedagogia essencialmente científica, mesmo que o conhecimento seja uma forma de ilusão. Pergunta Bachelard (1983, p. 25): “Pergunta Bachelard (1983, p. 25): “Perguntamos, portanto, aos cientistas que nos respondam: Por que os senhores continuam tão sucintos quando falam das condições psicológicas de certa pesquisa nova”?

Também Bourdieu (2002), ao analisar o significado simbólico da ciência, diz que a percepção do mundo social é produto de uma dupla estruturação social: a objetiva, de natureza probabilística e a subjetiva, influenciada por lutas e forças simbólicas históricas. Desse modo, os estudos epistemológicos analisam a essência teórica e a produção conceitual efetiva de dada área do conhecimento.

O panorama dos estudos de turismo e hospitalidade, no Brasil e no mundo, evidencia a incipiência de bases epistemológicas, situação que começa a mudar apenas recentemente. Dencker (2003) considera que apesar da compreensão geral de que a pesquisa empírico-analítica é importante para o entendimento de aspectos básicos do funcionamento e da dinâmica dessas atividades, a pesquisa empírica, sozinha, não seria suficiente para o desenvolvimento científico. Segundo a autora,

“a pesquisa científica requer a existência de uma teoria que oriente e confira sentido aos dados. Ao teorizar sobre o fazer cotidiano que caracteriza a prática, o pesquisador formulará teorias que permitam interpretar a hospitalidade e o turismo em suas múltiplas interações e relações tanto locais quanto globais” (Dencker, 2003, p. 100).

Panosso Netto (2005, p. 36), por sua vez, destaca que a “aplicação da epistemologia nos estudos turísticos é de extrema importância, uma vez que ela pode auxiliar na explicação do fenômeno turístico e ao mesmo tempo fornecer bases científicas seguras para os pesquisadores do turismo”. Para o autor, as pesquisas devem ir além dos resultados demonstráveis e propor o reconhecimento sobre a relevância das bases teóricas que fundamentam dada metodologia e, em sua opinião, se não formos, como pesquisadores, além dos resultados demonstráveis, imputando-lhes fundamentos teóricos, deixaremos nossas pesquisas em “estágio paradigmático”, mesmo nas situações em que são apresentadas novas propostas de temas, métodos e estudos. Bourdieu (2002) também realça a importância do rompimento da passividade empirista e do senso comum, na direção da construção de um sistema coerente de relações epistemológicas que deve ser constantemente posto à prova. Os raciocínios dos autores aplicam-se adequadamente aos estudos em hospitalidade.

A palavra epistemologia – também chamada de filosofia do conhecimento, crítica do conhecimento ou teoria do conhecimento – vem do grego (*episteme* = conhecimento + *logia* = estudo). A vertente analítica da epistemologia baseou-se no empirismo e no positivismo e foi criticada por Karl Popper, que propôs que o critério da demarcação nas ciências fosse a falseabilidade e não somente a sua verificação. A partir disso, novos críticos da epistemologia circunscreveram uma ciência que é realizada por homens e, por consequência, sujeita à influência destes na produção do conhecimento (Panosso Netto, 2014).

Nechar e Panosso Netto (2010, p. 88) definem

a investigação epistemológica não como a oposição de teoria e prática, mas como um processo decorrente da coleta de dados, informações, fatos e ocorrências que se vão constituindo em uma série de momentos formadores deste processo. Os autores propõem a dialética da “unidade de opostos” como motor para a construção da teoria, enquanto prática do homem social. Sob esse ponto de vista, a epistemologia vale por sua capacidade de promover novas formas de investigação.

Historicamente, a epistemologia do turismo tem sido baseada nas correntes do positivismo, sistemismo, marxismo, fenomenologia e a hermenêutica. Panosso Netto (2014, p. 134) entende, entretanto, que o pesquisador interfere nos resultados das pesquisas da área, o que impõe sempre a necessidade de interpretar o discurso de uma dada construção científica, mesmo que isso não implique em resultados que sejam universalmente comprovados. Para o autor, apenas a teoria crítica pode promover o “interesse oculto que direciona as investigações e ajuda a desvelar as ideologias que se manifestam no dia a dia do fazer acadêmico”.

A fim de compreender a questão epistemológica no campo do turismo, Panosso Netto e Calciolari (2010, p. 683) analisaram a produção bibliográfica nacional sobre turismo e concluíram que, em numa possível comparação com outras áreas de estudo, “ficaria latente a carências de publicações sobre esse assunto no Brasil”. Para os pesquisadores, é imperativo fornecer subsídios para o incremento da base teórica do turismo, com objetivo de estimular o interesse acadêmico pela produção nacional nesse campo. O mesmo pressuposto valeria para os estudos dedicados à hospitalidade, prioritariamente vinculados a correntes epistemológicas mais positivistas e sistêmicas e ainda bastante distanciados da teoria crítica.

No que tange especificamente aos estudos dedicados ao tema da hospitalidade, em contexto mundial, Botterill (2004, p. 252) destaca, em consonância com os estudos de Panosso Netto e Calciolari (2010), o “baixo *status* dado ao estudo da

hospitalidade em comparação a outros domínios de estudo” e aponta que os processos de “fortalecimento da autoridade do discurso científico-social” passam, necessariamente, pela descoberta de soluções efetivas e firmes para questões de natureza epistêmica.

Em seus estudos, Botterill (2004) destaca que boa parte da atual pesquisa em hospitalidade tem se distanciado da lógica instrumental do positivismo e se aproximado da tradição hermenêutica, com especial ênfase ao significado e à subjetividade. Entretanto, os estudos em hospitalidade ainda estariam, segundo o autor, muito distanciados da teoria crítica, possivelmente por conta do *status* privilegiado (ainda) concedido aos estudos aplicados de hospitalidade, notadamente baseados em modelos de sistemas fechados, em processos racionais e em análises econômicas. Botterill (2004, p. 273) avilta a possibilidade de que o *status* privilegiado da indústria possa ter agido, historicamente, para “excluir qualquer outra concepção da hospitalidade, não a considerando outra coisa senão um negócio”.

Contraponto atual a este estado de coisas seriam, entretanto, os próprios questionamentos a esta agenda dominante sobre o tema da hospitalidade. Nos dias de hoje, segundo o autor, ao nos depararmos com novas abordagens sobre o tema – por exemplo a questão da exclusão social e da marginalização de pessoas e de grupos vulneráveis e desfavorecidos – levariam exatamente a um natural questionamento desta “tese dominante da hospitalidade como indústria” (Botterill, 2004, p. 273).

De fato, os estudos aplicados de hospitalidade pela vertente da gestão foram dominantes nas décadas anteriores, notadamente até a última década do século XX, no mundo todo. Desde então, começa a fortalecer-se uma teoria social crítica associada ao tema. Para o estudioso, “a ciência social crítica se compromete [...] a provocar mudanças, [...] elevando o status da hospitalidade e, com isso, fortalecendo os interesses representados por ela, incluindo, ironicamente, a indústria da hosi-

talidade” (Botterill, 2004, p. 274).

Nesse sentido, lembramo-nos de Mauss (2008), quando advertia que não se pode confundir aplicações com a própria ciência. Parece evidente, portanto, a necessidade, tanto em turismo quanto em hospitalidade, do surgimento de propostas científicas que apresentem novos limites e possibilidades para cada um dos campos de conhecimento.

Consideremos que a crise filosófica que decorre da descrença do amor ao conhecimento enquanto valor supremo da filosofia (e podemos incluir aqui a sociologia e a antropologia) tem sua origem na técnica científica, que, *per se*, não é capaz de responder a todos os problemas. Observamos que esta limitação se reflete nos estudos sobre turismo e hospitalidade que comumente excluem a abordagem de valores humanos e sociais históricos, assumindo uma visão puramente econômica de ambas as áreas vistas como negócio, o que decorre de um posicionamento teórico estreito e limitado, fraco em argumentos (Panosso Netto, Tomillo Noguero & Jäger, 2011).

Lembremo-nos ainda que os campos do turismo e da hospitalidade envolvem objetos de investigação vinculados a várias áreas do conhecimento, a ponto de serem considerados como “fatos sociais totais”, para utilizar uma expressão cunhada por Marcel Mauss. A demora das mais diversas Ciências Humanas e Sociais em se apropriar dos temas do turismo e da hospitalidade como objetos de estudo é outro elemento que colaborou para a notável ausência de aprofundamento teórico em ambos os campos de conhecimento.

No contexto contemporâneo, portanto, faz-se urgente e fundamental superar discordâncias de natureza epistemológica entre teóricos e empiristas. Como ponto de partida, é preciso “entender os fatos turísticos como fatos sociais totais, constituindo a partir de (ou, talvez, contra) suas aparências imediatas uma ordem coletiva de problemas sociológicos e antropológicos significativos” (Santos, 2005, p. 44).

Ao concondarmos com este argumento, con-

cordamos também com Salles et al (2010), quando dizem que os estudos em hospitalidade, enquanto manifestação da dádiva, podem constituir a base para a compreensão das relações entre os “protagonistas da hospitalidade”. Para as autoras (Salles et al., 2010, p. 10), “a abordagem metodológica nas pesquisas sobre hospitalidade e dádiva deve se adequar a cada uma das disciplinas que compõem as Ciências Sociais, uma vez que o objeto é a sociedade”.

Essencial para os estudos contemporâneos sobre hospitalidade seria, portanto, compreender porque um termo tão marcado ao longo da história pelo estigma da nostalgia e da ingenuidade transformou-se, nos anos recentes, em tema de ponta nas discussões de natureza filosófica, alcançando lugar de destaque em comunidades científicas do mundo todo, nas mais diversas áreas do conhecimento.

Se o estudo da hospitalidade não pode e não deve ignorar a vertente comercial da atividade, inerente ao sistema capitalista e fruto da invenção social, não deve e não pode, da mesma forma, deixar de considerar as verdadeiras virtudes da hospitalidade (bem como a sua ausência), vistas como fundamentos de natureza moral, com todos os desafios que tal diretriz implica. Os estudos turísticos, da mesma forma, não poderão evoluir sem dar conta do intercâmbio de dons e contradons que o contato entre visitantes e visitados provoca.

Esta lógica valida a própria abordagem epistemológica proposta por Camargo (2004), que vê o ramo da hospitalidade pela ótica de uma plataforma de análise que extrapola a abordagem economicista, interpretando-o a partir de uma matriz que distribui as práticas sociais em combinações decorrentes dos tempos e espaços em que o fenômeno se manifesta. Essas manifestações de relações sociais levam à necessidade de compreensão sobre como vem se desenvolvendo o estudo da hospitalidade, na contemporaneidade.

Em termos epistemológicos, acima de tudo, é preciso que ambos os campos exerçam o que Alison

Phipps e Ronald Barnett (2007) chamam de hospitalidade acadêmica. Para os autores, há que se acolher, em sentido amplo e irrestrito, novas ideias, rompendo-se fronteiras epistemológicas. Este movimento talvez seja o mais importante e necessário a ser conduzido por pesquisadores contemporâneos que se dedicam ao tema, no mundo todo.

Acreditamos ser possível promover esta integração funcionando o grupo de pesquisadores brasileiros como ponte entre estrangeiros vinculados a diversas correntes linguísticas e epistemológicas. Vejamos como isso vem ocorrendo a partir de informações coletadas na análise de publicações nacionais e internacionais e da verificação sobre como as comunidades se vêm relacionando.

## **2. As transformações dos estudos e pesquisas em hospitalidade: correntes de estudo, grupos de pesquisa e produção científica**

Mundialmente, nos anos mais recentes, o tema da hospitalidade ampliou sua vinculação à vertente comercial da atividade de acolhimento de pessoas, aproximando-se de visões mais amplas e complexas, suportadas por *corpus* teórico de outras áreas de conhecimento, tais como a antropologia, a sociologia, a filosofia e diversas outras ciências humanas e sociais, na lógica do entendimento da prática social da hospitalidade como um fato social total, conforme preconizado por Marcel Mauss (2008).

Prioritariamente tratado, no universo acadêmico, como um dos pilares da chamada indústria do turismo, chamada posteriormente de hospitalidade comercial (ou simplesmente hotelaria), em termos de ensino e pesquisa, o tema da hospitalidade limitou-se por muitos anos a tratar dos processos de formação profissional e da produção de conhecimento técnico. Os cursos de hotelaria funcionavam, junto com os programas de gastronomia e eventos, como núcleos de capacitação de mão-de-obra operacional e de gestão e informações

inerentes a cada uma das sub-áreas eram disseminadas em boletins informativos e em publicações dedicadas à gestão de negócios de hospitalidade (Rejowski & Aldrigui, 2007).

Entre as escolas que sustentaram (e ainda servem a) esta abordagem da hospitalidade, estão as instituições americanas Cornell University e The Culinary Institute of America e as europeias Glion Institute of Higher Education, International Hospitality Management School Vatel e a École Hôtelière de Lausanne, entre muitas outras. Entre as revistas científicas mais importantes com publicações voltadas para este viés economicistas, estão a Cornell Hospitality Quarterly e o International Journal of Hospitality Management.

No Brasil, os primeiros cursos técnicos de hotelaria foram criados na década de 1980 e os superiores na década de 1990, despontando as Faculdades Renascença e o Serviço Nacional do Comércio (SENAC) de São Paulo, como os principais centros de formação profissional.

O conhecimento da área era disseminado por boletins e *clippings* institucionais até a década de 1990, quando então surgiram as primeiras revistas científicas da área de turismo, dentro das quais o tema da hotelaria era também tratado (Rejowski & Aldrigui, 2007).

Com o tempo, em reação à (re)descoberta do tema da hospitalidade por outras áreas do conhecimento, em especial as vinculadas às Ciências Humanas e Sociais, chegou-se a um ponto de inflexão, no decorrer dos anos de 1990, que propunha a adoção desta visão mais reducionista do setor como apenas uma dentro de uma abordagem mais ampla e de caráter mais social e humanista. Ainda assim, o debate era preconizado entre dois polos vistos como distintos entre si: o mercado e o humano.

Fato é que, hoje em dia, o tema da hospitalidade, visto desta forma mais ampla, está presente não somente nos cursos de turismo, hotelaria, gastronomia e eventos, em alguma medida, mas nas pautas dos programas de uma grande diversidade

de outras áreas, entre as quais o direito, a psicologia, a educação e as relações internacionais, tanto em nível de graduação quanto de pós-graduação.

Esta nova vertente da hospitalidade vista por seu viés social e antropológico tem sua gênese no “resgate” da matriz teórica proposta por Marcel Mauss em seu *Ensaio sobre a dádiva*, escrito em 1924 e publicado pela primeira vez em 1925, proposição revisitada por autores franceses contemporâneos e incorporada nos estudos sobre hospitalidade realizados em língua inglesa, mais notadamente por teóricos baseados na Grã-Bretanha.

O desdobramento desses estudos primeiros também influenciou as pesquisas realizadas no Brasil, onde se constituiu um grupo formado por um considerável número de pesquisadores, que têm amadurecido no sentido de poder inserir-se com propriedade no contexto mundial da pesquisa sobre o tema. Tem-se que ampliação da hospitalidade para as mais variadas formas de pensamento pode contribuir na (re)construção epistêmica deste campo em diferentes frentes e que o diálogo não está mais preso em uma visão dicotômica postulada entre o mercado e o humano, mas, diferentemente, voltado para a lógica do ato de acolher o outro e de reconhecer os diversos tipos de trocas sociais simbólicas verificadas no tempo e no espaço.

### **2.1. A hospitalidade e o pensamento sociológico francês: dádivas assimétricas**

O pensamento da escola francesa sobre hospitalidade tem sua origem no trabalho realizado por um conjunto de autores que se apresentam identificados com o Mouvement Anti-Utilitariste des Sciences Sociales (M.A.U.S.S.) - Movimento Anti-Utilitarista nas Ciências Sociais - surgido em 1981 e que, por meio de um debate teórico, resgatou a dádiva como figura central dos estudos sociológicos, em uma crítica arraigada ao utilitarismo econômico.

A Revue du M.A.U.S.S. abriu espaço para pesquisas que não se limitavam às linhas do marxismo, do estruturalismo, do funcionalismo, do individualismo metodológico e do empirismo dogmático. Ao contrário, buscaram identificação com a sociedade que se funda na ambivalência da reciprocidade, no interesse em contraponto com o desinteresse, no contrato em oposição à associação espontânea, no serviço pago em oposição à gratuidade, com base em regras sociais próprias (Martins, 2002).

Esta proposta visa exatamente o questionamento das práticas dominantes do neoliberalismo das escolhas racionais, individuais e utilitaristas em prol de uma visão holística, desenvolvida sobretudo por sociólogos e antropólogos, que abarca todas as teorias que partem da sociedade e não do indivíduo (Godbout, 1992). E o elemento capaz de quebrar esta dicotomia estaria exatamente no paradigma do dom de Marcel Mauss, que, em sua essência, seria capaz de entrelaçar (des)interesses individuais e coletivos.

Decorre deste contexto a importância da matriz teórica de Marcel Mauss para o pensamento francês, que insere em seus estudos a lógica do exercício das prestações e das contraprestações presentes no ciclo das trocas nas sociedades arcaicas, lógica a ser abordada tanto pela vertente epistêmica quanto metodológica, também nas sociedades contemporâneas.

Para Mauss (2008, p. 200), o ciclo das trocas caracteriza um “fenômeno social total” porque envolve todas as instituições sociais: religiosas, jurídicas, morais, políticas, familiares e econômicas. A raiz do pensamento francês está nesta ideia proposta por Marcel Mauss. Aborda-se o caminho histórico do dom e as espécies de trocas promovidas em cada sociedade, chegando-se à ideia de que o dom arcaico se manifestava entre grupos organizados pelo sistema sacrificial, enquanto o dom moderno se expressa na intimidade, frequentemente entre indivíduos. O que se estabelece nas lógicas dos rituais de dádiva são os mitos oriundos das religiões que contrapõem, historicamente, hospi-

talidade e hostilidade.

A matriz maussiana inspirou de imediato a produção de teóricos franceses como os filósofos Emmanuel Lévinas (1906-1995) e Jacques Derrida (1930-2004). Inúmeros trabalhos de ambos os autores são referências importantes para o estudo da hospitalidade.

Clássicos, Mauss, Lévinas e Derrida influenciaram o trabalho de novas gerações de autores franceses, entre os quais estão Alain Caillé, René Schérer, Hervé Le Bras, Michelle Perrot, Anne Gotman, Jacques T. Goudbout, Claude Raffestin, Danielle Perrot e o jovem Benjamin Boudou, entre muitos outros. Entre os mais destacados autores contemporâneos estão Alain Montandon, (cuja obra é muito digna de nota e cuja influência está representada em sua mais recente contribuição, a organização da coletânea *Le Livre de l'hospitalite: accueil de l'étranger dans l'histoire et les cultures* – ou, em português, *O livro da hospitalidade: acolhida no estrangeiro na história e nas culturas* – título que, pela grandiosidade, evidencia ainda mais sua importância como autor, em âmbito individual) e Anne Gotman (organizadora do número especial da revista francesa *Communications*, que em 1997 reuniu pensadores e ideias que foram fundamentais para o processo contemporâneo de redefinição da noção de hospitalidade e para a inserção do tema nos estudos e pesquisas de turismo e hotelaria).

## 2.2. A hospitalidade e o pensamento sociológico francês: dádivas assimétricas

Quase que num paralelo temporal à interpretação dos teóricos franceses da dádiva como mote para o entendimento da prática social da hospitalidade, tem-se os estudos contemporâneos de autores britânicos, que se desenvolvem a partir da ideia de hospitalidade como negócio, mas ao mesmo tempo reconhecem sua limitação como expressão da ação humana em contexto social e buscam o (ou um) sentido sociológico das (nas) relações de

troca, para propor uma abordagem mais humanista da ideia de hospitalidade enquanto prática relacional (em espaços sociais ou domésticos) e mesmo comercial.

A construção dos estudos contemporâneos de hospitalidade por autores britânicos e outros a eles associados por identificação linguística ou cultural começou a ser orientada em meados da década de 1990, quando Conrad Lashley, então professor da Universidade de Nottingham, reuniu pesquisadores em torno da pergunta “O que é hospitalidade?”. Este questionamento os conduziria a uma nova compreensão teórico-metodológica acerca das práticas de acolhimento do outro.

O resultado dos encontros foi a publicação, em 2000, do livro *In search of hospitality: theoretical perspectives and debates*, traduzido no Brasil em 2004 pela Manole, sob o título “Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado”.

Na coletânea, o chamado grupo de Nottingham apresentaria uma série de propostas para tratamento do tema em consonância com um mundo globalizado e com o pensamento orientado pelas Ciências Humanas e Sociais e lançaria uma compreensão clara sobre o seu grau de conhecimento em relação à nova epistemologia da hospitalidade. A expressão “em busca da hospitalidade” dava a medida do quão pouco toda a comunidade científica mundial sabia sobre o tema, em que pese estarmos falando de um tema milenar.

Em seu caminho de pesquisa, os britânicos beberam, em alguma medida, da fonte francesa, mas colheram também nos escritos norte-americanos (e congêneres) sobre turismo referências úteis, entre as quais os estudos clássicos dedicados à história dos costumes ou textos de religião e antropologia social, como os de Felicity Heal e Elizabeth Telfer<sup>1</sup>. Utilizaram-se ainda de conteúdos de gestão (Kye-Sung [Kaye] Chon e Raymond T. Sparrowe, Yvone Guerrier, Theodore Lewitt, Roy C. Wood, Ewout

Cassee), teologia (Christine D. Pohl, Henri Nowen e John Koenig), sociologia (Ervin Goffman, Pierre Bourdieu, Mike Featherstone, George Ritzer, Pierre Bourdieu) e filosofia (Elizabeth Telfer).

Os mais importantes autores anglófonos que tratam do tema da hospitalidade, especialmente na Grã-Bretanha, são Paul Lynch, Alison Morrison, Peter Lugosi, Kevin O’Gorman, Barry O’Mahony, David Bell, David Botterill, Tom Sewyn, Bob Brotherton, Daniel O’Connor, Donald McNeill, Jennie Germann Molz e Alison McIntosh, entre outros.

O grande expoente dessa produção tem sido Conrad Lashley, que se destaca por sua capacidade de articular outros autores em torno do tema e também pela proposta dos “três domínios da hospitalidade” (O’mahony, 2015), cuja importância para os estudos internacionais em hospitalidade é inquestionável.

No contexto dos estudos da hospitalidade, Conrad Lashley foi responsável pela organização das duas coletâneas mais relevantes de estudos contemporâneos sobre hospitalidade publicados em língua inglesa, que influenciaram pesquisadores do mundo todo, especialmente pesquisadores brasileiros. Em 2017, Lashley edita outra obra, pela Routledge.

### 2.3. A produção científica brasileira em hospitalidade

A produção brasileira em hospitalidade está dividida em duas categorias. A primeira delas são os textos primários, ou trabalhos dados a público na forma de dissertações e teses e de comunicações apresentadas em eventos científicos. A segunda categoria envolve a produção definitiva, publicada na forma de livros, capítulos de livros e artigos científicos.

A classificação de teses, dissertações e comu-

<sup>1</sup>Ver (a) Heal, F. *Hospitality in Early Modern England*. Oxford: Clarendon Press, 1990 e (b) Smith, V. (ed.). *Hosts and guests: the anthropology of tourism*. Philadelphia: Pennsylvania University Press, 1977.

nicações como produção primária se dá pelo fato de considerarmos que esses trabalhos cumprem o primeiro estágio da pesquisa científica, englobando justamente a produção que é submetida a avaliação de examinadores ou à discussão em fóruns científicos, a fim de que possa ser mais trabalhada e, posteriormente, compor um estudo de caráter mais definitivo, que o pesquisador divulga como produção definitiva. Esta produção advém, em grande medida, da recepção do conhecimento dado por professores, eles sim buscadores da produção dada em língua inglesa e francesa, reproduzida na forma de suas atividades docentes e como orientadores de graduação e pós-graduação. Parte do conhecimento advindo dos programas de pós-graduação em turismo e em hospitalidade, no Brasil, no início do século XXI, de fato veio a compor, nos anos seguintes, parte da produção editorial nacional no formato de livros – de autoria individual ou organizados/editados em coletâneas – e de artigos científicos.

No que tange à publicação no formato de livros, tem-se que ela esteve, no Brasil, originalmente voltada para temática da hotelaria, ou para a prática comercial da hospitalidade, a partir do viés operacional e de gestão de estabelecimentos de hospedagem. Entre 1970 e 2000 a Educus (de Caxias do Sul/RS) e o SENAC São Paulo figuraram como as principais editoras de livros de hotelaria, tendo em seus catálogos clássicos como os livros *Administração Hoteleira* (de Geraldo Castelli) e *Gestão de Hotéis* (de Índio Cândido e Elenara Viera de Viera).

Foi somente a partir de 2000 que começaram a surgir publicações no formato de livros e de coletâneas editadas/organizadas, dedicados exclusivamente à hospitalidade neste sentido mais amplo. A primeira dessas publicações foi a coletânea *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*, organizada por Célia Dias e lançada pela Manole (Dias, 2002). Com 10 capítulos escritos por professores do Programa de Pós-Graduação em Hospitalidade da UAM, o volume tem como mérito ser o primeiro

registro sistemático da produção de pesquisadores brasileiros sobre o tema, num evidente esforço de constituição de um campo do conhecimento autônomo.

No ano seguinte, publica-se, desta feita pela Pioneira Thomson Learning, coletânea organizada por Ada de Freitas Maneti Dencker e Marielys Siqueira Bueno (Dencker & Bueno, 2003), com nove capítulos escritos também por docentes da UAM. *Hospitalidade: cenários e oportunidades*, guarda o mérito de promover o aprofundamento das reflexões orientadas nas linhas de pesquisa do programa de pós-graduação da UAM.

Ambas as publicações (juntamente com a produção vinculada ao programa de pós-graduação em hospitalidade, no formato de dissertações), seguidas de outras coletâneas, colocam a UAM na posição do mais relevante núcleo de estudos dedicados ao tema, no Brasil.

Outra característica dessas publicações é evidenciar um movimento de expansão do conhecimento de autores brasileiros a partir da influência – ainda tímida, mas já identificável e notável – de autores franceses, em especial a dada pelos textos reunidos na edição especial da revista *Communications*, lançada na França (Gotman, 1997), bem como ingleses, principalmente a da coletânea publicada pelo chamado grupo de Nottingham, intitulada *In search of hospitality: theoretical perspectives and debates*, editada por Conrad Lashley e Alison Morrison, na Grã-Bretanha (Lashley & Morrison, 2000).

O conjunto dos 19 capítulos reunidos nessas duas coletâneas influencia sobremaneira a produção científica dos anos 2000 no Brasil, a partir da produção orientada em nível de pós-graduação e materializada na forma de dissertações e, em um segundo momento, por intermédio de citações, na forma de artigos científicos publicados, em sua maioria, na *Revista Hospitalidade*, da UAM. Alguns dos autores desses artigos, entre os quais Luiz Octávio de Lima Camargo, Lúcio Grinover, Isabel Baptista (portuguesa, escrevendo no Brasil), Ma-

ria do Rosário Rolfsen Salles e Alain Montandon (em texto publicado em português, com tradução autorizada), disponibilizariam aos autores dessas coletâneas referências conceituais que moldariam parte da produção subsequente em hospitalidade.

Atualmente, títulos editoriais sobre hospitalidade publicados no Brasil, por autores brasileiros, somam sete coletâneas (com 75 capítulos) e 11 livros autorais individuais. Em termos de vinculação institucional do autor na ocasião do lançamento da obra, a UAM aparece como a instituição mais presente, associada a nove das 18 publicações. A maior parte dos títulos foi lançada entre 2002 e 2006: dez no total (três coletâneas e sete livros individuais).

Entre 2004 e 2014 foram publicadas no Brasil outras cinco coletâneas, quatro delas também vinculadas à UAM (lançadas nos anos de 2004, 2008, 2009 e 2011), com participações de professores dos programas de graduação (Turismo e Hotelaria) e de pós-graduação.

A coletânea mais recente <sup>2</sup> em língua portuguesa foi lançada pela Educus e organizada por Márcia Maria Cappellano dos Santos e Isabel Baptista (Santos & Baptista, 2014). A obra traz 15 capítulos e inova por constituir uma parceria entre pesquisadores da Universidade de Caxias do Sul (UCS) e da Universidade Católica do Porto, em um exercício inédito e saudável de interação institucional.

No que se refere a livros de autoria individual, foram lançados, no Brasil, 11 títulos cuja temática faz referência direta à hospitalidade, desde sua vertente semântica mais ampla, qual seja, a de sua percepção como fenômeno de natureza social-antropológica. As publicações foram lançadas entre 2003 e 2014.

O primeiro volume dedicado diretamente ao tema a ser lançado neste formato foi a obra de Ramos (2003), sobre hospitalidade e imigração. O

livro é produto da tese <sup>3</sup> defendida pela autora em 2002 no programa de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e associa o tema da hospitalidade à questão dos fluxos migratórios contemporâneos, assunto atual e relevante, pouco tratado à época.

No ano de 2004 é publicado o mais importante entre os livros de hospitalidade de autores brasileiros, nos últimos anos. A obra <sup>4</sup> de Luiz Octávio de Lima Camargo, publicada pela Aleph e que, em que pese ser simples (no formato de livro de bolso), não é simplista.

O texto (Camargo, 2004) traz a proposta de abordagem metodológica do autor para o estudo do tema da hospitalidade: a matriz dos 16 domínios (que guarda conexão conceitual com a representação de domínios proposta por Lashley em 2000). Ambas as referências viriam a se transformar, nos anos seguintes, em instrumentos para a sistematização dos objetos de estudo em pesquisas sobre hospitalidade, no Brasil. O título de Luiz Octávio de Lima Camargo seria o mais citado pelos autores brasileiros tidos como atores neste estudo, entre os livros de autoria individual dedicados à hospitalidade, publicados no Brasil.

Destaque-se o livro publicado por Carla Rodrigues em 2013, pela editora Nau, intitulado *Duas palavras para o feminino: hospitalidade e responsabilidade* (Rodrigues, 2013). Embora distanciada do universo acadêmico brasileiro que se dedica total ou parcialmente às pesquisas em hospitalidade, a autora – que merece ser conhecida – aproxima-se muito dos autores franceses no que diz respeito à forma de abordagem do tema.

A produção editorial individual mais recente lançada no Brasil é de autoria de Darci Kops, pela Educus. O livro *Hospitalidade: saberes e fazeres culturais em diferentes espaços sociais* (Kops, 2014) é um excelente exemplo da transversalidade do tema da hospitalidade. A formação multidisci-

<sup>2</sup>Santos, M. M. C. dos & Baptista, I. (2014) *Laços sociais: por uma epistemologia da hospitalidade*. Caxias do Sul: Educus.

<sup>3</sup>Ramos, S. P. (2002) *Perdas e Buscas, Encontros e Desencontros - Brasileiros em Toronto*. Tese (Doutorado). São Paulo: Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

<sup>4</sup>Camargo, L. O. de L. (2004) *Hospitalidade*. São Paulo: Aleph (Coleção ABC do Turismo)

plinar do autor permite o estabelecimento de associações do tema com as áreas do Direito, Educação, Psicologia e Administração.

Em relação a revistas científicas, existem atualmente 17 periódicos ativos no Brasil (Publicações de Turismo no Brasil, 2016), vinculados à sub-área de turismo. O mais antigo entre eles é a revista *Turismo em Análise*, lançada em 1990. Os periódicos mais recentes são a *Revista Cenário* (Universidade de Brasília – UnB) e a *Revista de Turismo Contemporâneo* (Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN), ambas lançadas em 2013.

Por esse conjunto de 17 periódicos ativos, foram lançados, entre 1990 e 2014, 353 edições e 2.257 artigos, em uma média de 7,2 artigos por edição. Do total de artigos publicados neste período, somente 87 (3,4%) são especificamente dedicados ao tema da hospitalidade, em seu sentido mais amplo. Estes artigos estão distribuídos em 14 dos 17 periódicos ativos.

A maior parte desses trabalhos foi publicada na *Revista Hospitalidade*, da UAM. A revista foi responsável por 38 artigos, ou o equivalente a 43,68% dos artigos especificamente dedicados ao tema. É o maior nível de aderência ao tema entre os periódicos pesquisados. A revista publicou 21 números, com média de 7,1 artigos por edição. Os periódicos *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo* (RBTur), *Turismo em Análise* e *Revista de Cultura e Turismo* (Cultur) vêm na sequência, com 9,20%, 8,05% e 6,90% do total de artigos sobre hospitalidade.

Em termos da forma de inserção do tema no contexto das publicações em periódicos científicos, no Brasil, o primeiro artigo associado especificamente ao assunto (com uso de bibliografia específica e citações a outros autores também interessados pelo tema) foi o de Luiz Octávio de Lima Camargo, publicado em 2002 na *Turismo em Análise* e intitulado “Turismo, hotelaria e hospitalidade”<sup>5</sup>.

O texto propõe uma primeira discussão sobre o significado do termo hospitalidade e sugere a adoção de um quadro de referência para os estudos da área, no qual aparecem os nomes de autores como Conrad Lashley, Alison Morrison, Jacques Derrida, Anne Dufourmantelle, Alain Montandon e René Schérer.

O ano de 2005 representa o momento em que o tema passa a figurar com maior destaque entre as publicações formatadas como artigos científicos, no Brasil. Neste ano, são publicados cinco artigos na *Revista Hospitalidade* e um na revista *Turismo: Visão e Ação*. No ano seguinte, 2006, são publicados 11 artigos sobre o tema: nove na *Revista Hospitalidade*, um na *Turismo: Visão e Ação* e um na *Turismo em Análise*.

Os anos de 2013 e 2014 indicam novo fluxo de interesse sobre o tema, publicando-se, respectivamente, 17 e 15 artigos sobre o tema, desta vez não concentrados na *Revista Hospitalidade*, mas distribuídos de forma equilibrada em 12 dos 17 periódicos analisados.

Esta distribuição demonstra também que o interesse pelo tema vem aumentando em comunidades acadêmicas localizadas em outras regiões geográficas que não São Paulo, onde esteve concentrada durante muitos anos a produção dedicada ao assunto.

Neste sentido, parece vir-se alterando, no decorrer dos anos, a configuração espacial da rede de pesquisadores que se interessa pelo tema, o que contribui para quebra da hegemonia do que Price (1969, p. 119 apud Benckendorff & Zehrer, 2013, p. 125) chama de “atores *in-group*” e que Tribe (2010, p. 18) descreve como sendo grupos que têm “influência hegemônica significativa sobre a produção do conhecimento” em determinado tempo ou lugar.

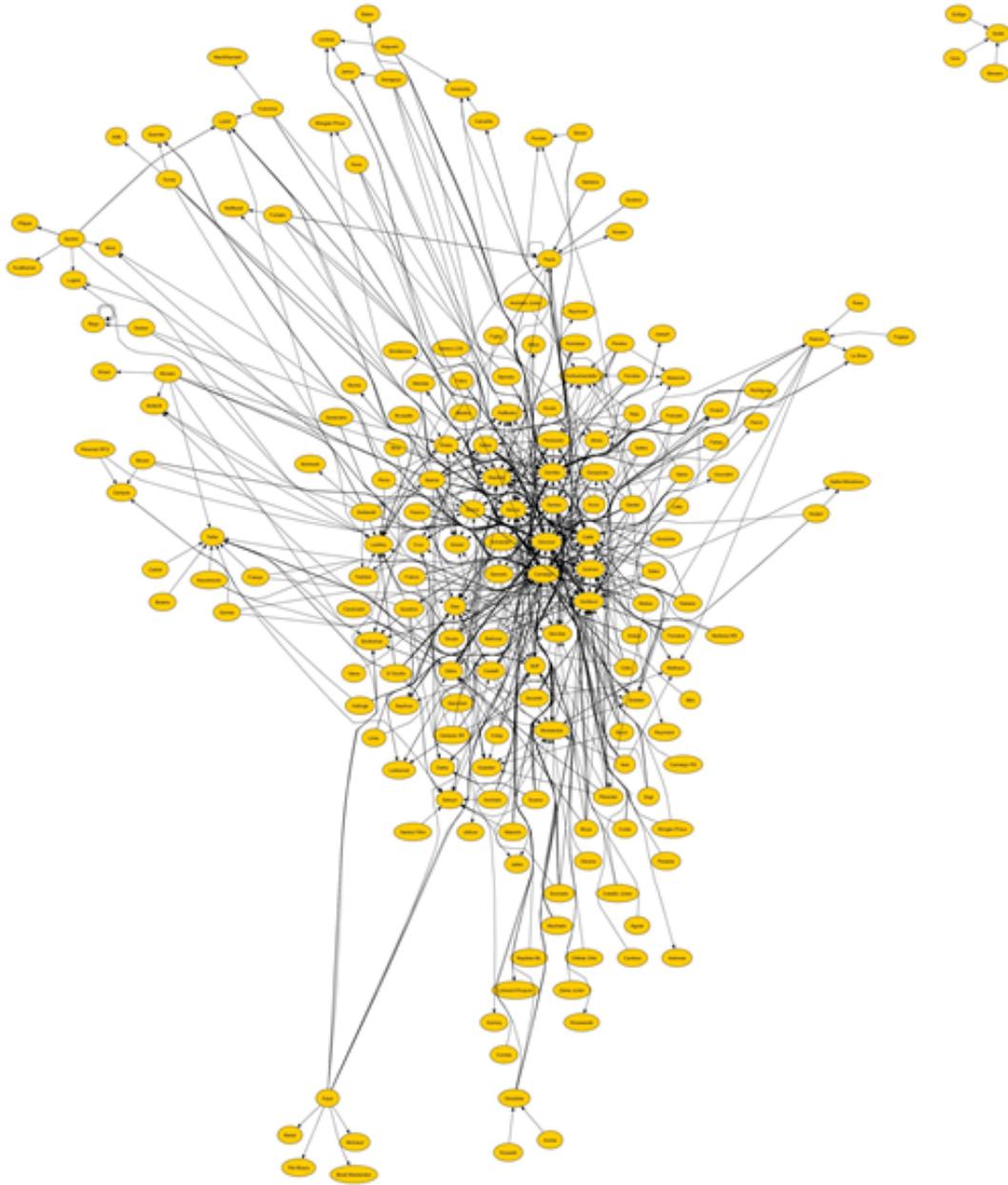
O conjunto dos livros, capítulos e artigos publicados sobre hospitalidade no Brasil entre os anos

<sup>5</sup>Camargo, L. O. de L. (2002). Turismo, hotelaria e hospitalidade. *Turismo em Análise*. São Paulo, v. 13, n. 1, p. 7-22.

<sup>6</sup>Utilizou-se como ferramenta o *software* yEd Graph Editor, da empresa yWorks, disponível para download gratuito em <https://www.yworks.com/products/yed>.

de 1990 e 2014, construído a partir da teoria de Análise de Redes Sociais (ARS) <sup>6</sup> e pela metodologia de Análise de Citações, descreve uma rede formada por um conjunto de 186 nós (atores) e 965 arestas (relações). A rede se mostra, no ge-

ral, razoavelmente conectada, embora se registre a existência de um agrupamento central mais denso e de agrupamentos periféricos, bem como de um pequeno subgrafo desconectado da rede principal.



**Figura 1** | Rede de produção científica em Hospitalidade (Brasil, 1990-2014)

Fonte: Spolon (2015)

Em que pese o grupo de autores brasileiros que se dedicam ao tema terem incorporado parcialmente obras de autores estrangeiros, verifica-se que isso se deu mais amplamente em relação a autores clássicos que foram lidos pela primeira geração de pesquisadores brasileiros, que disseminaram o pensamento desses autores clássicos em sua obra, bem como por intermédio de sua atuação como docentes ou orientadores.

No Brasil, apenas duas obras importantes no cenário internacional foram traduzidas: a coletânea *In search of hospitality: theoretical perspectives and debates* (Lashley & Morrison, 2000), pela Manole em 2004 e a coletânea francesa *Le livre de l'hospitalité: accueil de l'étranger dans le histoire et les cultures* (Montandon, 2004), traduzida pelo SENAC São Paulo apenas em 2011, sete anos depois de sua publicação).

O contrário, a incorporação de textos escritos por brasileiros na obra de autores estrangeiros, simplesmente não aconteceu. Há várias razões que explicam esta situação, entre as quais a mais evidente parece ser as barreiras linguísticas dadas pelo parco conhecimento da língua portuguesa entre pesquisadores estrangeiros vinculados à área.

Por óbvio, não se tem respostas a questionamentos desta natureza. Entretanto, a fim de ilustrar este estudo com um olhar sobre a produção estrangeira em hospitalidade, mesmo que desde uma perspectiva limitada, procedeu-se à análise estrutural da rede construída a partir dos textos publicados nas principais coletâneas lançadas em português, francês e em inglês, no período compreendido entre 1997 e 2007, obras essas que compõem, ao menos parcialmente, o repertório dos pesquisadores brasileiros envolvidos com o tema.

### 3. Produção de conhecimento científico em hospitalidade, no mundo: desafios para integração e cooperação

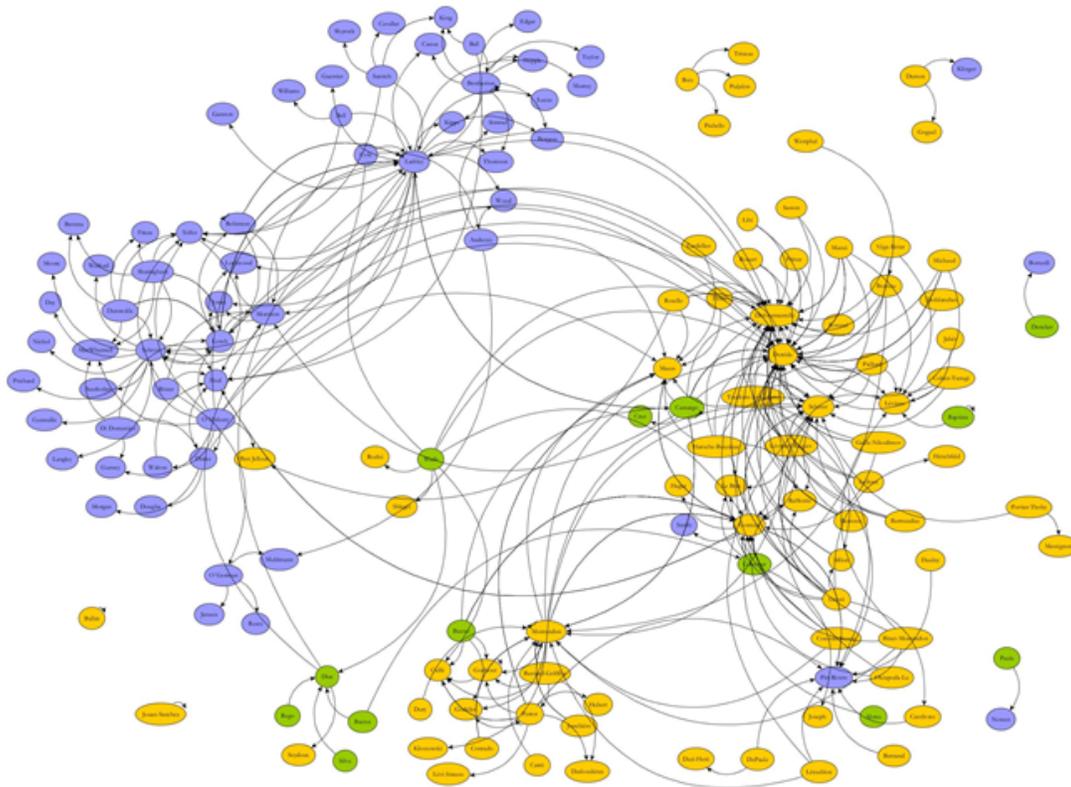
O princípio das redes é o da integração. Atores em rede, mesmo que agindo individualmente, fazem-no sabendo (e desejando) que seus movimentos se deem em consonância com os de outros atores, dando início a um processo de comunicação que leve ao atingimento de objetivos comuns e/ou compatíveis, de maneira continuada (Bock & Macke, 2014). Embora esse seja o princípio das redes, é fato que a integração não acontece o tempo todo. As relações são ou não construídas e se estabelecem com mais ou menos facilidade e em função de um sem número de fatores intervenientes, internos e externos.

A rede de produção científica em hospitalidade, em nível mundial, está em franca expansão e mostra elevados níveis de desconexão. Registra-se, entre as três comunidades linguísticas analisadas, mesmo que parcialmente, muito poucos pontos de conexão.

Este grau de distanciamento entre pesquisadores que se dedicam à hospitalidade e que escrevem em inglês, francês e português foi medido no âmbito das redes de citações feitas no conjunto das principais coletâneas de trabalhos publicados no Brasil, na Grã-Bretanha e na França sobre o tema, quais sejam, o número 65 da revista *Communications* (lançado na França em 1997), as coletâneas *In search of hospitality: theoretical perspectives and debates* e *Hospitality: a social lens* (lançadas na Grã-Bretanha, em 2000 e 2007), as coletâneas brasileiras *Hospitalidade: reflexões e perspectivas* e *Hospitalidade: cenários e oportunidades* (lançadas no Brasil em 2002 e 2003) e a obra *Le livre de l'hospitalité: accueil de l'étranger dans le histoire et les cultures* (editada na França em 2004).

O número especial da revista *Communications* (Gotman, 1997) e as coletâneas organizadas por Lashley e Morrison (2000), Dias (2002), Denciker e Bueno (2003), Montandon (2004) e Lashley,

Lynch e Morrison (2007) constituem uma estrutura reticular feita por 149 nós (atores) e 346 arestas (relações). Trata-se de uma rede com poucas pontes.



**Figura 2** | Representação gráfica do nível de interação entre pesquisadores de Hospitalidade, em agrupamentos linguísticos em português (verde), inglês (azul) e francês (amarelo)

Fonte: Spolon (2015)

Lançado em um período de dez anos (entre 1997 e 2007), esse conjunto de publicações interferiu na maneira como o tema da hospitalidade vinha sendo estudado e orientou novos rumos para a pesquisa acadêmica dedicada ao tema, nas lí-

nguas portuguesa, inglesa e francesa. Autores de cada um dos universos posicionaram-se como os pesquisadores mais influentes em suas redes locais e alguns alcançaram proeminência em nível internacional.



**Figura 3** | Linha do tempo das principais publicações sobre Hospitalidade (1997-2007)

Em que pese ser muito pouco olhar para somente seis obras, diante do universo de literatura (científica e geral) que já se tem à disposição, no original, nos três idiomas, é relevante que tenham sido essas as obras escolhidas e avaliadas. E a razão é o fato de reunirem ideias basilares sobre o tema, construídas pelos principais pesquisadores que vêm se dedicando ao assunto e que vieram a compor um conjunto de referências importantíssimo para promover a reestruturação do campo de estudos e para influenciar novas gerações. Se esses textos se tornarão clássicos, somente o tempo poderá dizer. Por ora, parece razoável e necessário compreender a dinâmica por eles descrita, bem como reconhecer o seu valor.

#### 4. Conclusão: novos horizontes para a pesquisa científica em hospitalidade

A interpretação da situação e do grau de integração da rede contemporânea de pesquisa em hospitalidade, no mundo, colabora para a compreensão mais clara sobre o posicionamento das comunidades acadêmicas na rede de pesquisadores dedicados ao tema e indica novas possibilidades para o desenvolvimento de projetos que levem a um estado de colaboração mais efetivo entre esses grupos e a esforços de fortalecimento dos estudos e pesquisas sobre o tema, nacional e internacionalmente.

Não parece, como mostram os resultados, haver uma percepção mais ampla, por parte das comunidades acadêmicas, sobre as lacunas decorrentes do distanciamento entre as diferentes comunidades de estudiosos dedicados à hospitalidade. Esta hipótese foi confirmada na fala de três dos autores mais importantes neste contexto, especialmente por seu esforço de construir um *corpus* científico que pudesse ser o fundamento para os estudos contemporâneos de hospitalidade, bem como por serem inspiração para quem queira participar

e contribuir com este campo de conhecimento.

A corrente francesa, representada pela Profa. Anne Gotman (Gotman, 2015), realiza seu trabalho isoladamente nos contextos francês e europeu. Até a entrevista realizada com ela em julho de 2015, a mesma desconhecia o trabalho do Prof. Conrad Lashley, por exemplo. Tal fato não se deve ao que muitos reportam sobre a indisposição da Escola Francesa em admitir a questão do pagamento financeiro na lógica da dívida, mas sim por falta de articulação entre as partes. Consideramos que o trabalho exercido por Anne Gotman compõe profundas discussões sociológicas e antropológicas da dívida de suma importância para a hospitalidade.

Neste mesmo caminho, percebe-se em Conrad Lashley um interesse em incluir os estudos sociológicos e antropológicos de Marcel Mauss, especialmente no caso do *potlatch*, em suas novas publicações, indo além de seu enquadramento essencial de tipos de hospitalidade ou mesmo das análises mercadológicas.

Temos isso como fator imprescindível para o amadurecimento do debate intelectual da hospitalidade que, por vezes, se esvazia de conteúdo dos autores clássicos em virtude dos estudos de casos empíricos ou mesmo por um didatismo superficial.

Ressaltamos por fim o trabalho de Luiz Octávio de Lima Camargo, pioneiro em trazer tais discussões para o cenário acadêmico brasileiro e que ainda se diferencia por continuar a refletir sobre o tema a partir de suas próprias provocações, à luz da teoria da dívida. Em complemento, registramos o esforço de Luiz Octávio em manter vivas as interações com Conrad Lashley (com quem participa de um evento em 2014) e Anne Gotman (a quem visita no mesmo ano), em um recado cirúrgico sobre o que, em sua opinião, deve ser alimentado: a rede.

## Agradecimento

Agradecemos aos professores Conrad Lashley, Anne Gotman e Luiz Octávio de Lima Camargo pelas entrevistas formalmente concedidas. Mas agradecemos, acima (e antes) de tudo, pelas tantas conversas informais, por sua inspiração, por seus exemplos, pelo permanente incentivo e encorajamento e pela confiança e respeito a nós dedicados.

## Referências

- Bachelard, G. (1983) *Epistemologia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Benckendorff, P. & Zehrer, A. (2013) A network of tourism research. *Annals of Tourism Research*, vol. 43, Oct, p. 121-149. DOI: 10.016/j.annals.2013.04.005.
- Botterill, D. (2007). Social scientific ways of knowing hospitality. In: C. Lashley & A. Morrison (eds.). *In search of hospitality: theoretical perspectives and debates*. Oxford: Butterworth-Heinemann, 2007(2000). (Hospitality, Leisure and Tourism Series). p. 177-197.
- Bourdieu, P. (2002) *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Camargo, L. O. de L (2004). *Hospitalidade*. São Paulo: Aleph.
- Dencker, A. de F. M. & Bueno, M.S. (2003) (orgs.). *Hospitalidade: cenários e oportunidades*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Dencker, A. de F. M. (2003) A abordagem científica em hospitalidade. In: Dencker, A. de F. M. & Bueno, M. S. (orgs.). *Hospitalidade: cenários e oportunidades*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- Dias, C. M. de M. (org.) (2002). *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*. Barueri: Manole.
- Godbout, J. T. (1992) *O espírito da dádiva*. Colaboração de Alain Caillé. Paris: Editions La Découverte.
- Gotman, A. (1997) Communications. L'hospitalité. Paris, Éditions du Seuil, v. 65, n. 2.
- Gotman, A. (2015) Dádiva e Hospitalidade. [maio, 2015]. Entrevistador: Leandro Beneditini Brusadin. Duração: 40 min. Université Paris V.
- Greco, J. (1999) O que é epistemologia? In: Greco, John; Sosa, Ernest (orgs). *Compêndio de Epistemologia*. São Paulo: Loyola.
- Kops, D. (2014) *Hospitalidade: saberes e fazeres culturais em diferentes espaços sociais*. Caxias do Sul: Educus.
- Lashley, C., Lynch, P. & Morrison, A. (eds.) (2007). *Hospitality: a social lens*. Oxford: Elsevier. Advances in Tourism Research Series.
- Lashley, C. & Morrison, A. (eds.). Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado. Barueri: Manole, 2004.
- Lashley, C. & Morrison, A. (eds.) (2000). In search of hospitality: theoretical perspectives and debates. Oxford: Butterworth-Heinemann. *Hospitality, Leisure and Tourism*.
- Martins, P. H. (2002). A dádiva entre os modernos. *Discussão sobre fundamentos*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Mauss, M. (2008). *Ensaio sobre a dádiva*. Trad.: António Filipe Marques. Lisboa: Edições 70, 2008(1924).
- Montandon, A. (dir.) (2011) *O livro da hospitalidade: acolhida ao estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: SENAC, 2011.
- Montandon, A. (dir.) (2004). *Le livre de l'hospitalité: accueil de l'étranger dans l'histoire et les cultures*. Paris: Bayard.
- Nechar, M. C. & Panosso Netto, A. (2010). Turismo. Cientificidad y epistemología: implicaciones constructivas. *Homo Viator*, México, ano I, num. 1.
- O'mahony, B. (2015) Explorando o impacto dos três domínios sobre a oferta privada, social e comercial da hospitalidade. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, v. XII, n. especial.
- Panosso netto, A. & Calciolari, G. F. de M. (2010). Quanto são os livros teóricos de turismo publicados no Brasil? Uma análise da produção bibliográfica nacional (1990 – 2010). *Turismo em Análise*, Vol. 21, n. 3.
- Panosso Netto, A.; Tomillo Noguero, F. & Jaguer, M. (2011) Por uma visão crítica nos estudos turísticos. *Turismo em Análise*, Vol. 22, n. 3, dezembro
- Panosso Netto, A. (2005) *Filosofia do Turismo: teoria e epistemologia*. São Paulo: Aleph.
- Panosso Netto, A. (2014). Epistemologia do turismo: escolas teóricas e proposta crítica. *Revista Brasileira de Pesquisa de Turismo*, São Paulo, 8 (1).
- Phipps, A. & Barnett, R. (2007) Academic hospitality. *Arts and Humanities in Higher Education*, vol. 6, n.3, p. 237–254. DOI: 10.1177/1474022207080829.
- Price, D. J. de Solla. (1969) *Little science, big science*. New York: Columbia University Press.

- Publicações de turismo no Brasil. URL: <http://www.publicacoesdeturismo.com.br/>. Última consulta em 10 de outubro de 2016.
- Ramos, S. P. (2003) *Hospitalidade e migrações internacionais: o bem receber e o ser bem recebido*. São Paulo: Aleph (Série Turismo).
- Rejowski, M. & Aldrigui, M. (2007) Periódicos científicos em Turismo no Brasil: dos boletins técnico-administrativos às revistas científicas eletrônicas. *Turismo em Análise*. São Paulo, v. 18, n. 2, p. 245-268.
- Rodrigues, C. (2013) *Duas palavras para o feminino: hospitalidade responsabilidade [sobre ética e política em Jacques Derrida]*. Rio de Janeiro: Nau.
- Salles, M. do R. R., Bueno, M. S. & Bastos, S. (2010) Desafios da pesquisa em hospitalidade. *Revista Hospitalidade*. São Paulo, v. VII, n. 1, p. 03-14, jan.-jun. 2010.
- Santos, M. M. C. dos & Baptista, I. (orgs.) (2014) *Laços sociais: por uma epistemologia da hospitalidade*. Caxias do Sul: Educs.
- Santos, R. J. dos. (2005) Antropologia, sociologia e estudos do turismo: contribuições para um diálogo interdisciplinar. *Revista Hospitalidade*, São Paulo: Editora Anhembi-Morumbi, 2005. Ano 2. n. 2.
- Spolon, A. P. G. (2015) "Hospitalidade em rede: propriedades estruturais e arranjos relacionais da rede de produção de conhecimento científico em Hospitalidade, no Brasil (1990-2014)". Tese (Pós-Doutoramento). 174 f. (il.). Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP), São Paulo. Mimeo.
- Tribe, J. (2010) Tribes, territories and networks in the tourism academy. *Annals of Tourism Research*, 37(1), p. 7-33.